

PERSONALIDADES POSTIÇAS DO EU

UMA LEITURA DA ‘FALSA MEMÓRIA’ DE SILVIANO SANTIAGO

Luciana Tiscoski é jornalista e mestranda em Literatura Brasileira na UFSC – SC. Mestranda em Literatura Brasileira e bolsista da CAPES com o projeto intitulado *Um certo Jorge de Lima e outros irmãos no vermelho da escrita de Hilda Hilst*, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Zahide Lupinacci Muzart. Atualmente, participa do Núcleo de Estudos Literários e Culturais da UFSC, Fpolis, SC. Exerceu a função de gerente e diretora artística da Fundação Theatro São Pedro de Porto Alegre de 2002 a 2008. Dentre as áreas de interesse e atuação, constam literatura, artes cênicas e filosofia.
E-mail: lutis@terra.com.br

RESUMO:

A obra *O falso mentiroso*, de Silviano Santiago, parte de uma ficção autobiográfica para esboçar um momento histórico brasileiro como contexto da problemática do homem contemporâneo em sua individualidade. Ao mesmo tempo, enquanto descortina os trajetos do ‘eu’, o autor desmonta as bases de uma sociedade que utiliza máscaras em suas relações mais íntimas e impede a interação desse homem na coletividade.

ABSTRACT:

Silviano Santiago's book *O falso mentiroso* is a kind of autobiographical fiction that uses Brazilian's historical context to expose the contemporary man in his individuality. At the same time, while disclosing the passages of this individuality, the author disassembles the bases of a society that wears masks in its closer relations, and hinders the interaction of this man in the collectivity.

As possíveis pistas que obtive em entrevistas com o autor me conduziram ao óbvio. Como não poderia deixar de ser, sim, a obra *O falso mentiroso - memórias*, de Silviano Santiago, publicado em 2004 pela Editora Rocco, com toda a certeza contém traços de uma autobiografia. E refiro-me a traços porque o texto conduz o leitor por um caminho falso, mentiroso, porém, com cargas consideráveis de verdade. É um tortuoso roteiro de meias verdades, falsas mentiras, armadilhas.

Antes de adentrar neste enredo sinuoso, convém lembrar que se trata aqui de um autor contemporâneo, um dos poucos escritores brasileiros da atualidade que fazem parte de uma formação da ‘literatura do presente’. O autor de *Em Liberdade* é indiscutivelmente um intelectual que insere a literatura como elemento indispensável na reflexão da modernidade e contribui com sua escrita para o esclarecimento do ‘agora da recognoscibilidade’¹ com ousadia, liberdade e falsas mentiras.

Silviano Santiago é natural de Formiga, Minas Gerais, como o último dos seus supostos “eus”. Nascido em 29 de setembro de 1936, tal qual um dos “eus”, o libriano. O pai era farmacêutico de diploma, cirurgião dentista de profissão. Havia um depósito, não de camisas de vênus vulcanizadas, mas de artigos dentários. Havia uma firma que

conquistara, à época, projeção nacional, a Dental Santiago Ltda. Além destas meras coincidências da vida prática, uma dose significativa de carência materna, perda da mãe no parto do irmão mais novo, uma mãe postiça desaparecida, uma madrasta ausente, enfim. O pai, um cidadão comprometido com a missão de bem encaminhar os filhos, que não eram poucos, em uma profissão decente, uma vida digna. Santiago também passou pela farsa da arquitetura e do direito. Também teve um mentor. Até as mordidas aparecem nesse inventário. Não eram mordidas nos braços rosados da prima Dorothy. As “verdadeiras” foram destinadas aos braços do irmão mais novo por parte de pai, filho legítimo da madrasta. E nesse ponto percebo que caí na armadilha.

Não há necessidade alguma de buscar pistas na verdade dos fatos. Não há fatos nem verdade, mas antes um relato de possíveis “eus” enredados numa trama que conjuga reminiscências de uma história íntima com a história do país, e da formação de uma sociedade tendo como fio condutor sua vida sexual e política. Um fio que acaba por se ramificar nas teias do poder. Da repressão aos moralismos católicos e cívicos, da liberação à decadência e vice-versa. Trata-se da infinita trama de interesses e lobbies, a cartilha política e materialista que determina o rumo da história de um país como o Brasil desde aqueles anos da equivocada aproximação de Getúlio Vargas com sua ideologia do Estado Novo aos países do Pacto de Aço na II Guerra Mundial.

Silviano Santiago arma seu relato de homem contemporâneo, personagem herdeiro do ontem e do agora de um Brasil ainda o mesmo. A partir de uma lembrança inverossímil, a do recém-nascido retirado da maternidade pela enfermeira metamorfoseada em bruxa, Samuel/Santiago expõe sua nudez de origem. Tanto como o homem contemporâneo, busca referências sem ilusões de encontrá-las no suposto pai ou na suposta mãe. Assim como não as encontra na escola, na profissão ou no amor, também inventado.

O sarcasmo na descrição do pai é o mesmo de sua própria descrição. Ambos são falsários, ambos se utilizam das máscaras sociais mais abjetas. Sem identidade, como muitos de sua geração, Samuel/Santiago dialoga com o leitor e lança seu livro como uma mensagem esperançosa ao leitor anônimo que talvez receba esses escritos com mãos caridosas. E com certeza conquista essa caridade por parte do leitor, ou ao menos uma intensa curiosidade e atenção, embaladas pela magia do enlevo, quando o sarcasmo dá lugar a uma linguagem imagética, repleta de poesia triste e pensante. É quando, por

exemplo, descreve Esmeralda, a pedra preciosa em estado bruto. Também falsa, descobrimos ao final.

A esposa surda-muda Esmeralda; a figura paterna personificada no Dr. Eucanaã; a mãe Donana que lhe abriu os olhos para o mágico esconderijo da representação; Mário, o mentor da relação fria e o ídolo Zé Macaco. Todos falsos? Ou todos possíveis desdobramentos de Samuel/Santiago? Personalidades postiças.

E o autor propõe: devora-me. Porque decifrá-lo, como a uma esfinge, é impossível. Tal qual o paradoxo de Euclides, como saber se diz a verdade quando afirma que mente ou se é um embuste a sua mentira e, no fundo, o que mente é verdade? O próprio Samuel/Santiago duvida de nossa capacidade de compreensão das segundas e terceiras intenções que se escancaram a cada página de suas memórias.

No pano de fundo dessas memórias, militares e sanitaristas, Malthus e Falópio, Tio Sam e Zé Carioca, camisa de vênus e penicilina, liberação de Paris e fim da ditadura Vargas, os Rothchild, os Kennedy e os Rockefeller, Casanova e Sade, DIP e Diários Associados, Carmen Miranda e Luz del Fuego, pílula anticoncepcional e doenças sexualmente transmissíveis, Marcel Marceau e Jean Louis Barrault, Maria Clara Machado e Chécov, Stanley Kubrick e Orson Welles, Goeldi e Lasar Segall, bairrismo e hedonismo, Rosa e Machado, relação quente e relação fria, Samuel e Santiago. E me utilizo aqui das palavras do falso mentiroso: “No entrecruzamento de vozes, falas, sentimentos, idéias, sobressai o gene dominante, constitutivo da personalidade” (SANTIAGO, 2004, p. 181). Trata-se do eu que não quis ser nós. O indivíduo contemporâneo, separado a fórceps do coletivo. Ainda no seu rastro, faço mais uma vez minhas as suas palavras: “Não vou me enganar. Tudo tem sentido.” (2004, p. 153).

Para o leitor atento e atônito com a inclusão de um Rosa e um Machado no compêndio acima, explico. De Guimarães Rosa, arrisco que um Riobaldo surge na pele de Samuel/Santiago no trecho que segue: “Fui bandido? Fui, não fui. Gosto de pensar que fui herói. Será que fui? Sou canalha? Sou, não sou.” (ROSA, 2004, p. 206) Apenas uma aproximação.

E finalizando o diário íntimo, utilizando a via da afirmativa pela negativa, o personagem narrador toma emprestado de Brás Cubas, do capítulo das Negativas, nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o consolo de não ter transmitido a nenhuma criatura o legado de nossa miséria. “Fim. Lego ao mundo minhas telas. À história, uma família a menos.” (2004, p. 222)

No encobrir-se descobrir-se de Samuel/Santiago, da leitura destas memórias, o que ficou de irrevogável dos muitos eus do autor é mais um eu em mim pós leitura d'*O falso mentiroso*.

¹ “As relações contínuas no tempo, das quais trata a história, foram substituídas em Benjamin por constelações nas quais um ocorrido coincide de tal maneira com o presente que este alcança o ‘agora’ de sua ‘cosnoscibilidade’. O ‘agora da cognoscibilidade’, sobre o qual Benjamin ocasionalmente disse que era ‘sua’ teoria do conhecimento (GS V, 1148), deve seu desenvolvimento a uma dupla oposição: ao idealismo e a um historicismo positivista. Enquanto este último remete o historiador por assim dizer ao passado para que compreenda, ‘por empatia’, a partir de si próprio, todo o ocorrido, que enquanto mera ‘massa dos fatos’ ‘preenche o tempo homogêneo e vazio’ (GS I, 702) [...]. TIEDEMANN, Rolf. “Introdução à edição alemã”. In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. São Paulo: Editora UFMG, 2007

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Edição alemã de Rolf Tiedmann; Org. edição brasileira: Willi Bolle. Tradução do alemão: Irene Aron; tradução do francês: Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado do Estado de São Paulo, 2007, 1ª impressão.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.

SANTIAGO, Silviano. **O falso mentiroso – memórias**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

